

Relato sobre a 13ª Conferência Bial do *Early Textiles Group* – Cores

Luz García Neira*

Os que enveredam pelas pesquisas sobre têxteis no Brasil (descartando-se as engenharias), encontram grande dificuldade de acessar não só as espécies materiais que configuram seu objeto de estudo, como, também, dentro de território nacional localizar grupos, pesquisas, instituições, bibliografias etc. que possam subsidiar seus trabalhos. É bem rara a realização de encontros acadêmicos focados na apresentação de resultados recentes ou temas e metodologias inovadores e que, portanto, possam atualizar aquilo que porventura existisse em termos de resultados de pesquisa. Assim, ao investigador interessado nessa área, sobretudo do ponto de vista estético e cultural que os têxteis representam como problema, recomenda-se o contato com instituições estrangeiras que, por razões diversas, possuem histórico relevante nessa área em expansão, e costumam possibilitar as publicações fundamentais para a compreensão do objeto.

Levando em consideração a inovação temática que esse tipo de material representa no Brasil, a maioria das abordagens que trabalhos estrangeiros e eventos internacionais apresentam, contribuem para o maior conhecimento desse campo entre nós. Ainda que, aparentemente, não nos interessem porque determinadas categorias são inexistentes em nosso contexto, a aproximação a esse tipo de debate demonstrou que é possível aumentar significativamente as reflexões sobre nossas condições, não para privilegiar o tom de lamentação sobre as condições de pesquisa aqui encontradas, mas com o objetivo de enriquecer o trabalho aqui realizado, a partir do questionamento que despertam já que, não é tão difícil verificar que compartilhamos frequentemente problemas e dificuldades em pesquisas acadêmicas.

Pelo menos foi isso que a 13ª Conferência Bial realizada pelo *Early Textiles Study Group*, realizada em Londres, nos dias 19 e 20 de novembro de 2010, pôde demonstrar. O tema deste ano foi *Colours*, e os quinze trabalhos apresentados por pesquisadores das mais renomadas instituições de pesquisa europeias e norteamericanas, contribuíram por diferentes perspectivas para a compreensão da problemática das cores nos têxteis arqueológicos, campo prioritário de grupo de

estudos. Não houve publicação de anais, pois, como parece ser prática na Inglaterra, isso só é feito após os encontros, pois os autores utilizariam o debate como oportunidade de complementar seus trabalhos com as contribuições advindas da mesa e do público em geral.

O ETSG – *Early Textiles Study Group*, organizador do evento, é um grupo de estudos que começou a reunir-se para compartilhar estudos e conhecimentos em 1981. O grupo é constituído por pesquisadores que orbitam ao redor dos têxteis arqueológicos e antigos (até 1600 d.C.), mas em busca das informações mais variadas, acerca do design, comércio, técnicas, conservação e outros temas. Uma de suas metas, além da pesquisa, é contribuir para a preservação do patrimônio têxtil mundial.

Ampliando horizontes

A conferência, organizada em dois dias, teve os trabalhos agrupados tematicamente em duplas, com exceção de um. Assim que os autores se apresentavam, os coordenadores das mesas organizavam a discussão dos trabalhos, sempre muito profícua dada a qualidade técnica da plateia que, como pôde ser visto pela relação de *delegates* entregue pela comissão organizadora, está formada majoritariamente por pesquisadores de instituições tradicionais no campo. Aliás, essa também é uma prática comum nos eventos acadêmicos organizados na Inglaterra.

A organização obedeceu à lógica do problema, ou seja, problemas semelhantes foram discutidos simultaneamente, o que faz todo sentido. Basicamente, cotejaram-se as questões técnicas e metodológicas que atravessavam cada estudo, comparando os resultados alcançados, as dificuldades encontradas etc. A participação do público, cabe o destaque, bem mais focada em questões pertinentes (a maioria delas técnica) do que em um momento no qual o assistente ao evento utiliza para apresentar a sua pesquisa.

Além da aprendizagem com o pragmatismo da organização temática e da surpresa com o profissionalismo e ciência como realidade das instituições de pesquisa representadas, fica a pergunta: como é possível aproximar essas questões – acerca dos corantes em tecidos arqueológicos ou no Japão antigo; das descobertas de

materiais corantes na China antiga; das evidências arqueológicas da púrpura e do falso púrpura no Levante; e, uma das mais próximas entre nós, a respeito do trânsito do vermelho pré-colombiano – das pesquisas brasileiras que versam sobre têxteis e, por que não, sobre a moda?

Alguns relatos de interdisciplinaridade

Não há como não se admirar com a apresentação de Thibaut Devière, do *The British Museum*. O pesquisador do principal museu britânico, falou em seu trabalho *Avanços recentes no conhecimento da cor em têxteis anteriores a 1600 d.C.*, sobre os métodos químicos e físicos para a análise de corantes naturais, com o principal objetivo de identificar e caracterizar quais são/foram as plantas e animais fornecedores de materiais corantes. Tratando-se, obviamente, de uma prática de pesquisa das ciências ditas exatas, de aplicação de técnicas de cromatografia e espectroscopia, o objetivo do trabalho de seu grupo de pesquisa é “ampliar a compreensão e interpretação de objetos com interesse antropológico, artístico (histórico), cultural ou técnico”. Resumindo, trata-se de uma prática interdisciplinar, onde cada campo abdica de seus problemas para contribuir com uma causa em comum, já que, não é do campo da química a história da arte e, nem da história da arte ou dos têxteis, a química!

Praticamente inserida no campo das ciências da linguagem ou da comunicação, o trabalho intitulado *Terminologia da cor nos têxteis medievais* que a pesquisadora independente Lisa Monnas apresentou, aponta a dificuldade de interpretar as cores por meio dos termos utilizados em língua inglesa, italiana e francesa para as lãs e sedas produzidas entre os séculos 14 e 16. A metodologia utilizada confronta descrições e nomeações mais utilizadas com representações de têxteis ou têxteis sobreviventes daquele período, tentando dimensionar as variáveis e limites das cores, para um melhor conhecimento da história dos têxteis. Seu objetivo, obviamente, é o de reconsiderar algumas questões que já se encontram fechadas e que são tomadas como verdadeiras, a respeito da história dos têxteis do ponto de vista estético.

Partindo de uma representação sedimentada, na qual os costumes pré-históricos dos países nórdicos e Escandinávia não conheciam técnicas de tingimento,

Margarita Gleba, do *University College London*, junto com um numeroso e multidisciplinar grupo de pesquisa, aprofundou-se nessa questão e apresentou o trabalho *Vendo coisas a cores: corantes nos têxteis da Idade do Ferro dinamarquesa*. O senso comum decorre dos tons atuais nos quais se encontram esses fragmentos, impregnados do tanino presente nos sítios arqueológicos. Ocorre, no entanto, que a maioria desses tecidos têm padronagem que demonstram a formação de xadrezes e listras, o que supõe, pensando questões de expressão artística, a utilização de cores distintas. A pesquisa aplicada que testou a presença de corantes naturais orgânicos nas amostras comprovou sua presença e, assim, abriu-se nova perspectiva para a pesquisa sobre o costume dinamarquês (local de origem de 47 têxteis analisados), até então visto em branco e preto.

Explorando a relação das cores com o domínio do simbólico, o texto apresentado por Mary Dusenbury, curadora de pesquisa do *Spencer Museum of Art* da *University of Kansas*, apresentou o trabalho *Linguagens da cor no Japão antigo*. A autora partiu do princípio da utilização das cores no contexto de seu recorte de investigação, como uma linguagem visual significativa, como é tradicional na Ásia ocidental. Diferentemente das abordagens que costumam ser mais comuns, no entanto, ela apontou que as cores foram tomadas como elemento crítico na vida política, social, na produção literária, e nas dimensões religiosas e artísticas da vida das pessoas do grupo em questão. O uso das cores foi associando a essas experiências cujas significações foram sendo incorporadas não tomando como ponto de vista a natureza física-visual da cor – como o amarelo poderia ser associado à riqueza, por exemplo – mas fazendo uma reflexão holística: a depender da planta da qual os corantes fossem extraídos, levar-se-ia em conta seu poder medicinal e, daí, seriam extraídos alguns significados. A ideia principal, segundo ela, era que as cores provenientes de plantas e minerais carregavam substâncias de onde eram extraídas e tinham o poder de energizar quando permeavam o seu uso pelo homem durante práticas políticas, religiosas e sociais de maneira geral. A metodologia utilizada por Dusenbury envolveu a consulta de documentos do século 10, que instruíam o uso das cores pela corte nesse sentido.

A ideia de recuperar o conhecimento a respeito de técnicas de tingimento pré-históricas e viabilizar sua aplicação contemporânea com finalidade pedagógica –

preparação de réplicas de tecidos da Era Hallstatt (Áustria) – foi a parte da pesquisa apresentada por Regina Hofmann-de-Keijzer, filiada ao *Austrian Science Fund FWF-Der Wissenschaftsfonds*. O trabalho intitulado *As cores dos têxteis Hallstatt: investigação das técnicas de tingimento com 3.000 anos, e sua aplicação contemporânea*, primeiramente apresentou que as condições dos sítios arqueológicos (cemitérios), por estarem próximas às minas de sais em clima constante e protegidas da luz, favoreceram, naturalmente, a preservação dos fragmentos dos têxteis. Suas excelentes condições de preservação permitiram, segundo a autora, separar os tipos funcionais de têxteis existentes, bem como interpretar técnicas de costura e, inclusive, identificar importações de têxteis ou de substâncias corantes, uma vez que constatou-se também a indisponibilidade natural de algumas delas. Parte dessa investigação, ainda, foi subsídio para que em outra pesquisa de doutorado realizada, *University of Applied Arts Viena*, se desenvolvesse uma técnica mais apropriada para o armazenamento e exposição de têxteis com condições que favoreçam a sua preservação.

Abordando os corantes têxteis na antiguidade peruana, especialmente o vermelho, Elena Phipps, que foi conservadora têxtil do *Metropolitan Museum of Arts* e Nobuko Shibayama, cientista da mesma instituição, apresentaram o trabalho *Vermelho pré-colombiano*. Enfatizando a circulação que o corante vermelho (carmim) obtido do inseto *cochineal* teve após a descoberta da América pelos espanhóis no século 16, os autores enfatizaram que seu uso já era comum anteriormente a essa data na produção de têxteis peruanos e que, palavras como colorado, rosado e encarnado, descreviam sua intensidade entre outras diversidades da aplicação. Além de abordar a existência de uma prática científica elaborada antes da chegada dos conquistadores à América espanhola, o trabalho abordou a existência de uma produção têxtil com complexa ornamentação, capaz de determinar intensidades cromáticas em processos de produção artesanais.

Todos os quinze trabalhos apresentados mereceriam descrições detalhadas, porém, finalizando, o relato *Romanos são vermelhos!* com outra interessante abordagem da designer Elaine Norbury (UK), foi a tentativa de identificar a origem da crença de que as tropas romanas utilizaram túnicas vermelhas. A autora apresentou uma larga quantidade de imagens midiáticas – das ilustrações de Racinet às fantasias

infantis e bonecos *Playmobil*, passando, obviamente, por Hollywood –, comprovando que majoritariamente as tropas romanas são representadas vestindo vermelho. Mas, afinal, essa referência é procedente? Esta é a questão que a autora discute, encaminhando o trabalho para a percepção de que a imagem pública influencia a própria ciência, de onde partem, por vezes, algumas hipóteses formuladas nos trabalhos científicos.

O presente depoimento não apresenta por completo a riqueza do evento, e procura dar destaque a algumas abordagens que, acredita-se, possam contribuir de maneira mais abrangente com os pesquisadores sobre a moda e os têxteis no Brasil. Deve-se destacar, ainda, que tratando-se de um relato construído a partir da participação no evento e da consulta aos resumos, a interpretação pessoal com certeza está presente. Agradeço a Regina Hoffman e a Margarita Gleba, o envio de artigos já publicados que contribuem para trazer mais fidelidade a este trabalho.

Considero que o evento contribui de maneira muito especial para a pesquisa que realizo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, porém, de maneira mais abrangente, dentre os pontos mais exemplares desse encontro científico, destaca-se o reconhecimento da importância das pesquisas tecnológicas aplicadas aos materiais para o esclarecimento de técnicas, processos, materiais etc.; a utilização das referências do campo das Letras e da Linguagem, para cercear ou ampliar verdades históricas a respeito das visualidades em geral e, finalmente; a descontaminação da história ou pelo menos a relativização das verdades que se impuseram ao longo do tempo, cujas origens são incertas e não comprovadas. Assim mesmo, o senso comum deve ser respeitado, pois é nele que se perpetua a prática consolidada sobre os têxteis e a moda.

13th Biannual Conference - Colours, organizada pelo *Early Textiles Study Group*, foi coordenada por Helen Persson, do V&A Museum, Londres. Aconteceu dias 19 e 20 de novembro de 2010, no *Wellcome Collection Conference Centre* na região central de Londres, próximo à Euston Station. <http://www.earlytextilesstudygroup.org/>

Crédito

* Licenciada em Artes Plásticas (Faculdade de Belas Artes de São Paulo), Mestre em Ciências da Comunicação (ECA-USP) e Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo (FAUUSP), desenvolve pesquisa histórica sobre o design de têxteis no Brasil. Docente no ensino superior no Centro Universitário Senac – SP, atualmente é bolsista da Fundação Casa de Rui Barbosa no Rio de Janeiro, participando do projeto de renovação de ambientes do Museu-Casa, com ênfase nos têxteis.